



Placa de saudação do encontro do G20, no Rio de Janeiro, no próximo ano: antes cidade recebe representantes da Cúpula Social e do Mercosul

# Argentina adia assinatura de acordo com União Europeia

Fernández tomou decisão em meio à transição para o governo de Milei, crítico do Mercosul

DORIO E DESÃO PAULO

A decisão da Argentina de não assinar o acordo entre União Europeia e Mercosul na reunião de quinta-feira, no Rio de Janeiro, não só tirou do horizonte a perspectiva de concluir a negociação do pacto comercial, como também ofuscou uma oportunidade para o Brasil. As negociações entre Mercosul e União Europeia têm sido um teste para a liderança brasileira.

Integrantes do governo envolvidos com a discussão e analistas ouvidos pela reportagem apontam que não se trata apenas de postergar a conclusão, mas sim do risco de que a aliança Mercosul-UE não saia do papel. O presidente argentino Alberto Fernández optou por não tomar essa decisão em meio à transição política no país - Javier Milei

## CÚPULA SOCIAL

Paralela à reunião do Mercosul, a Cúpula Social do bloco começou ontem no Rio de Janeiro. Temas como agricultura familiar e populações marginalizadas são discutidos no Museu do Amanhã. A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, defendeu a importância do Estado apoiar os mais vulneráveis na economia.

toma posse no próximo domingo. Crítico do bloco sul-americano, o futuro governo pode mudar os rumos da negociação.

Na Alemanha, ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que não vai desistir do acordo. Ele deu a declaração ao lado do chanceler alemão, Olaf Scholz, depois do francês Emmanuel Macron criti-

car, no fim de semana, a proposta em discussão. "Não vou desistir do acordo enquanto não conversar com todos os presidentes e ouvir o não de todos", disse Lula, acrescentando que lutará pelo pacto enquanto acreditar na possibilidade de concluí-lo.

## JANELA

Membros do alto escalão de três ministérios ouvidos pela reportagem disseram não haver condições de assinar o acordo ainda neste ano e que não estaria claro quando haverá outra janela de oportunidade política para finalizá-lo.

A percepção é compartilhada por especialistas. "Fica fora do radar a possibilidade de um acordo com fechamento rápido", afirma o integrante Centro Brasileiro de Relações Internacio-

nais (Cebri) e ex-diretor do Comitê de Negociações Comerciais da Organização Mundial do Comércio (OMC), Victor do Prado.

Há uma disputa, nos bastidores, sobre qual país carregará o ônus pelo fracasso. Em Dubai, Lula disse que, se não houver acordo, "pelo menos vai ficar patenteado de quem é a culpa". Ele culpou os europeus. "Não somos mais colonizados. Somos independentes".

Ao comunicar que não participariam da reunião no Rio, os negociadores argentinos sugeriram que o Brasil também teve sua parcela de responsabilidade.

Eles indicaram que o Governo Lula teve ao longo do ano tempo para revisar o que desejava no texto - e agora é a Argentina que pede novo prazo. (Estadão Conteúdo)

## Compras do governo e meio ambiente travam decisão

DA REDAÇÃO E ESTADÃO CONTEÚDO

Após duas décadas de discussão, o acordo entre Mercosul e União Europeia foi firmado em 2019 e o texto passou por um processo de revisão técnica, que revelou novas dificuldades. A Europa apresentou exigências adicionais na área ambiental, motivadas pela preocupação com a crise climática, mas também por um forte lobby do agro, que teme a competição principalmente com Brasil e Argentina.

Do lado brasileiro, a preocupação é manter o controle sobre as compras governamentais, que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva vê como mecanismo de fomento da economia.

"É um desafio para ambos implementar o acordo", reconhece Gustavo Müller, do Centro de Estudos para Governança Global da Leuven, a principal universidade da Bélgica.

Lula manifestou a vontade de anunciar o pacto antes de entregar a presidência rotativa do Mercosul ao Paraguai, na quinta-feira, mas a vitória do presidente eleito argentino Javier Milei na eleição - a posse será realizado no domingo - esfriou as negociações.

O ato final da presidência do bloco fecharia o ano em

que Lula tentou pôr o País de volta ao cenário internacional, em um contexto marcado também por tropeços do brasileiro em política externa, com declarações controversas que vão da Ucrânia a Gaza.

## ALEMANHA SIM, FRANÇA NÃO

Com Lula na Alemanha, o chanceler Olaf Scholz, disse, ontem, que apoia o acordo entre União Europeia e Mercosul. A fala é um contraponto à crítica feita dias antes pelo presidente da França, Emmanuel Macron, ao acordo.

"Seria muito bom que o acordo fosse assinado", disse Scholz. O alemão disse que é possível conseguir maioria para aprovar o acordo nas instâncias europeias depois de concluídas as negociações.

Segundo ele, o acordo seria bom para as relações entre a União Europeia e o Mercosul. O chanceler da Alemanha diz que quer criar empregos através da transformação de matérias-primas no Brasil.

A reação de Macron é considerada eleitoreira, pois ele enfrenta a extrema direita, que atraiu o apoio de pequenos agricultores, cujos apelos protecionistas são historicamente fortes na França.



Scholz, com Lula: matérias-primas do Mercosul para a indústria alemã